

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

William Cleber Domingues Silva  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Turismo, cidades, colecionismo e museus

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** William Cleber Domingues Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T938 Turismo, cidades, colecionismo e museus / Organizador  
William Cleber Domingues Silva. – Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-942-4

DOI 10.22533/at.ed.424213103

1. Turismo. I. Silva, William Cleber Domingues  
(Organizador). II. Título.

CDD 338.4791

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus capítulos. O volume apresenta relevantes investigações científicas relacionadas ao tema proposto pelo livro.

O objetivo central foi apresentar de forma objetiva e atual estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, Portugal e Equador. Os trabalhos que compõem esse volume abordam possíveis relações existentes entre os temas que nortearam as contribuições dos autores: turismo, cidades, colecionismo e museus.

O surgimento e avanço da crise sanitária mundial provocada pela pandemia COVID 19 bem como seus impactos no setor de turismo, nas cidades e nos museus também despertaram relevantes reflexões dos autores.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de disseminar o conhecimento científico desenvolvido por profissionais de turismo e áreas afins atuantes em diferentes regiões do Brasil e do mundo.

Desta forma destaca-se que o título “Turismo, cidades, colecionismo e museus” é uma obra direcionada a profissionais e acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento humano. O livro apresenta em seus capítulos temas relevantes para os interessados em se atualizarem em assuntos debatidos pelas ciências sociais aplicadas.

Finalizando considera-se relevante registrar o importante papel desempenhado pela Atena Editora enquanto plataforma capaz de oferecer a pesquisadores e leitores um espaço adequado para apresentação, divulgação e publicação de pesquisas científicas no Brasil.

Desejamos a todos uma excelente viagem!

William Cleber Domingues Silva

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TURISMO E VIAGENS CULTURAIS *ON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE O PROJETO VIAJAR DE CASA

Karla Estelita Godoy

**DOI 10.22533/at.ed.4242131031**

### **CAPÍTULO 2..... 23**

INCENTIVOS FINANCEIROS DESTINADOS AO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Aracelis Gois Morales Rigoldi

Graziela Oeste Graziano Cremonesi

Valéria Rueda Elias Spers

Marli Terezinha Vieira

Angélica Gois Morales

**DOI 10.22533/at.ed.4242131032**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

DESAFIOS DA POLÍTICA NACIONAL DE TURISMO: O IMPACTO DA LEI GERAL DO TURISMO NO PROGRAMA DE REGIONALIZAÇÃO

Giovanna Adriana Tavares Gomes

Elaine Gomes Borges da Silva

Jane Márcia do Nascimento Teixeira Scorzelli

**DOI 10.22533/at.ed.4242131033**

### **CAPÍTULO 4..... 55**

O TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS EM ESPAÇO RURAL: POSSIBILIDADES PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA PÓS-COVID-19

Carla Oliveira Brito

Janine Santos de Sousa

Sara Caroline Chagas dos Santos

Natalia Silva Coimbra de Sá

**DOI 10.22533/at.ed.4242131034**

### **CAPÍTULO 5..... 73**

A CIBERMUSEALIZAÇÃO: O OBJETO MUSEOLÓGICO EM DOIS MUSEUS VIRTUAIS BRASILEIROS

Rosali Henriques

Rafael Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.4242131035**

### **CAPÍTULO 6..... 84**

ANOTHER TOURISM IS POSSIBLE: THE SOCIAL AND SOLIDARITY ECONOMY COMMUNITY TOURISM IN AGUA BLANCA

Lucia Dolores Loor Bravo

**DOI 10.22533/at.ed.4242131036**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
O MARKETING TURÍSTICO DA EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO (EMBRATUR) E A CONCEPÇÃO DE “MULHER BRASILEIRA” EM TERRAS ESTRANGEIRAS COMO MULATAS	
Crislaine Custódia Rosa Kerley dos Santos Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>109</b>
QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: PARA UMA COMPREENSÃO DO TURISTA HÍBRIDO	
Helio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>123</b>
WALKING TOUR COMO FERRAMENTA DE POTENCIALIZAÇÃO DA VISITAÇÃO EM DESTINOS TURÍSTICOS PÓS PANDEMIA	
Carla Nou Levita Jaime José da Silveira Barros Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4242131039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>135</b>
A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE FACE A NOVA COEXISTÊNCIA CULTURAL NO TERRITÓRIO EUROPEU CONTEMPORÂNEO: DESAFIOS PARA O FAZER TURISMO	
Eduardo Taborda de Jesus Flavia de Brito Panazzolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>152</b>
RESORTS BRASILEIROS: DESCRIÇÃO DO DESEMPENHO DAS VENDAS ENTRE 2016 E 2017, ATRAVÉS DA TAXA DE OCUPAÇÃO, RECEITA MÉDIA E TREVPAR GERAIS E SEGMENTADOS POR AMBIENTE GEOGRÁFICO	
Antonio Carlos Bonfato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>177</b>
CARTOGRAFIA DO TURISMO: ÓTICA GEOTURÍSTICA E GESTORA DO MUNICÍPIO DE BELÉM – PARÁ	
Lucas Daniel Noronha Ferreira Mozart dos Santos Silva Erick Peuriclepes Rodrigues da Silva Dickson Weverton Sobral de Souza Arthur Jeronimo Santana Aragão Mayara Cobacho Ortega Caldeira Carlos Rodrigo Tanajura Caldeira Anna Júlia Souza Dias Wallace Douglas da Cruz Santos Marcos Gabriel Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310312</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>190</b>
A FERRAMENTA DE ANÁLISE DE DADOS <i>BIG DATA</i> , SEUS USOS NO TURISMO E UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE SEU USO EM FOZ DO IGUAÇU	
Alfredo Brito Aguiar Andressa Szekut	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310313</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>211</b>
ACESSIBILIDADE E PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO TEATRO AMAZONAS - IMPLICAÇÕES PARA O TURISMO	
Marklea da Cunha Ferst Helen Rita Menezes Coutinho Lucia Claudia Barbosa Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310314</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>230</b>
ANÁLISE DA GOVERNANÇA EM UMA EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: APLICAÇÃO DO MODELO MAG DO TBC À ADESCO	
João Gabriel Barrêto Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310315</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>247</b>
TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>263</b>
COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - PERSPECTIVA DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DA SUSTENTABILIDADE: UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE PÉ NA TERRA DE BRASÍLIA	
Juzânia Oliveira da Silva Brandão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>278</b>
DIAGNÓSTICO DO TURISMO NO DISTRITO DE ITAIACOCA, PONTA GROSSA-PR: ESTUDO TEÓRICO PRELIMINAR PARA O PLANEJAMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL LOCAL	
Luiz Fernando de Souza Natali Calderari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310318</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>288</b>
TURISMO DE COMPRAS NA FRONTEIRA JAGUARÃO-RS/BRASIL E RIO BRANCO/URUGUAI: UMA REFLEXÃO SOBRE IMPACTOS DA COVID-19 NA ECONOMIA	
Caio Lucas Rossi Angela Mara Bento Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.42421310319</b>	

<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>298</b>
VIAGENS E TURISMO: EMÍLIA SNETHLAGE E HELOISA ALBERTO TORRES AS CIENTISTAS E VIAJANTES DA AMAZÔNIA DO SÉCULO XX	
Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.42421310320	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>319</b>
O CONCRETO PENSADO: ALGUMAS CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO FENÔMENO TURISMO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.42421310321	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>329</b>
DESVENDANDO EMOÇÕES NO MUSEU GRUPPELLI: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS	
José Paulo Siefert Brahm	
Juliane Conceição Primon Serres	
Diego Lemos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.42421310322	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>344</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>345</b>

# CAPÍTULO 1

## TURISMO E VIAGENS CULTURAIS *ON-LINE* EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE O PROJETO VIAJAR DE CASA

Data de aceite: 22/03/2021

Data de submissão: 13/03/2021

**Karla Estelita Godoy**

Universidade Federal Fluminense Niterói - Rio de Janeiro  
lattes.cnpq.br/7899304734293116

**RESUMO:** O desejo e a saudade de visitar lugares, culturas, pessoas e de desfrutar da diversidade proporcionada pelo turismo tornaram-se flagrantes em tempos de isolamento social, devido à pandemia de covid-19. Surgiram iniciativas que apostaram em “viagens culturais *on-line*”, adotando o acesso remoto, em tempo real, por meio de plataformas digitais. Essas experiências virtuais procuram emular a viagem turística, simulada sem o deslocamento presencial. Ao trazer esse processo para o campo das pesquisas em turismo, seria possível refletir sobre o significado do ato de viajar, o estímulo às viagens turísticas presenciais e analisar sua relação com o turismo. Assim, o texto dispõe das seguintes seções: “A casa e o mundo”, “Viajar sem sair de casa e a viagem turística”, “Estudo de base etnográfica”, “A experiência da viagem e o despertar para o turismo” e “Considerações finais”. O artigo se configura como um estudo de base etnográfica sobre as viagens culturais *on-line* do projeto Viajar de Casa, cujos resultados fornecem elementos indispensáveis para pensar tais experiências à luz do turismo. A pesquisa visa contribuir com a produção de conhecimento na área do turismo e demonstrar

os transbordamentos do fenômeno turístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo virtual. Patrimônio cultural. Turismo e Antropologia. Pesquisa.

### TOURISM AND ONLINE CULTURAL TRIPS IN TIMES OF PANDEMIC: AN ETHNOGRAPHIC-BASED STUDY ON THE VIAJAR DE CASA PROJECT

**ABSTRACT:** The desire and longing to visit places, cultures, people and to enjoy the diversity provided by tourism became evident in times of social isolation, due to the covid-19 pandemic. Initiatives emerged that bet on online cultural trips, adopting real-time remote access through digital platforms. These virtual experiences seek to emulate the tourist travel, simulated without presential commuting. When bringing the process to the field of tourism research, it becomes possible to reflect on the meaning of the act of traveling, the encouragement of in-person tourist travel and possible points of convergence with tourism. Thus, the text presents the following sections: “The house and the world”, “Traveling without leaving home and tourist travel”, “Ethnographic based study”, “The experience of traveling and the awakening to tourism” and “Final considerations». The article is configured as an ethnographic study about the online cultural travels of the Viajar de Casa project, with results that provide indispensable elements to think about such experiences under the light of tourism. The research aims to contribute to the production of knowledge in the field of tourism and to demonstrate the unravelling of the tourist phenomenon.

**KEYWORDS:** Virtual tourism. Cultural heritage.

## TURISMO Y VIAJES CULTURALES EN LÍNEA EN TIEMPOS DE PANDEMIA: UN ESTUDIO DE BASE ETNOGRÁFICA SOBRE EL PROYECTO VIAJAR DESDE CASA

**RESUMEN:** El deseo y la añoranza de visitar lugares, culturas, personas y disfrutar de la diversidad proporcionada por el turismo se hizo evidente en tiempos de aislamiento social, debido a la pandemia del covid-19. Surgieron iniciativas que apostaron en los viajes culturales en línea, adoptando el acceso remoto, en tiempo real, a través de plataformas digitales. Estas experiencias virtuales buscan emular el viaje turístico, simulado sin el desplazamiento presencial. Al llevar la propuesta al campo de la investigación turística, se podría reflexionar sobre el significado del acto de viajar, el estímulo a los viajes turísticos presenciales y los posibles puntos de convergencia con el turismo. Así, el texto dispone de las siguientes secciones: “La casa y el mundo”, “Viajar sin salir de casa y el viaje turístico”, “Estudio de base etnográfica”, “La experiencia de viajar y el despertar al turismo” y “Consideraciones finales». El artículo se configura como un estudio de base etnográfica sobre los viajes culturales en línea promovidos por el proyecto Viajar desde Casa, cuyos resultados ofrecen elementos indispensables para pensar las experiencias mencionadas a la luz del turismo. La investigación tiene como objetivo contribuir con la producción de conocimiento en el campo del turismo y demostrar los desbordamientos del fenómeno turístico.

**PALABRAS CLAVE:** Turismo virtual. Patrimonio cultural. Turismo y Antropología. Investigación.

### 1 | INTRODUÇÃO

Enquanto um novo vírus transitava livremente pelo mundo, provocando e disseminando a doença que ficou conhecida como covid-19, assistíamos ao fechamento gradual de fronteiras territoriais entre cidades e países, à redução ou mesmo à proibição da mobilidade urbana e ao isolamento social de milhões de pessoas, a fim de conter o avanço da pandemia. O direito ao ir-e-vir de cidadãos e de turistas sofria rompimento sem precedentes nas últimas décadas, e o surto pandêmico surpreendia a sociedade, com graves consequências nos setores da saúde, economia, educação e cultura, além de desafiar as habilidades de governantes e de produzir desdobramentos particulares de toda ordem no cotidiano. O turismo, como fenômeno sociocultural<sup>1</sup> e atividade econômica, passou a enfrentar alterações inimagináveis para os dias atuais, cujas repercussões são imprevisíveis.

Considerando que o turismo, em sua estrita definição e tal como o conhecemos, exige deslocamento físico no espaço, sua prática se tornou impossível neste momento. Contudo, esse dado de realidade não seria suficientemente capaz de aplacar o anseio pela viagem turística, sentimento que pode, inclusive, ser exponenciado dada a sensação de

<sup>1</sup> “Turismo é um campo do conhecimento, por essência, multidimensional, multissetorial e multidisciplinar, um fenômeno sociocultural estudado por várias áreas do conhecimento.” (ARAUJO; GODOY, 2016, n.d)

clausura que a situação impõe.

Fotografias de viagens publicadas em redes sociais funcionaram como memórias de futuro – uma forma de se trazer à lembrança experiências passadas que projetem a intenção de vivenciá-las novamente. O desejo e a saudade de visitar lugares, culturas, pessoas e de desfrutar da diversidade proporcionada pelo turismo tornaram-se flagrantes em pouco tempo, a ponto de algumas agências de viagem, mesmo com a incerteza quanto ao fim das restrições, e como forma de atrair os potenciais consumidores, lançarem “pacotes turísticos promocionais”, a serem usufruídos apenas em período posterior à pandemia.

Surgiram também iniciativas que apostaram em “viagens culturais *on-line*”, adotando o acesso remoto, em tempo real, por meio de plataformas digitais. E justamente uma dessas iniciativas veio a se tornar objeto da presente investigação: o projeto Viajar de Casa, do blog Viver a Viagem, que conduz viajantes, de suas casas a diversas partes do mundo, de modo virtual.

A hipótese de pesquisa que se enuncia é o fato de que essas experiências virtuais procuram emular a viagem turística, simulada sem o deslocamento presencial. Com base em tal pressuposto, impõe-se refletir sobre o próprio significado do ato de viajar e o imaginário que o cerca.

Ao problematizar tal processo e trazê-lo para o campo das pesquisas em turismo, emergem alguns questionamentos, como até que ponto as ditas “viagens *on-line*” estimulariam as viagens turísticas presenciais, tornando-se recurso útil para a dinâmica e a gestão do turismo – tal como sinaliza o Ministério do Turismo (MTUR, 2020a; 2020b) em matérias sobre viagens e visitas virtuais imersivas? Além disso, de que modo essas “experiências virtuais” poderiam ser analisadas quanto à sua relação com o turismo, no que se refere à troca de experiências culturais e até mesmo à geração de renda direta e indireta para nativos e comunidades, trabalhadores da área do turismo e parte do *trade* turístico? E, por fim, haveria outros aspectos a serem considerados, como aqueles relacionados à acessibilidade de pessoas com dificuldades de toda ordem, que, de modo *on-line*, poderiam ultrapassar os obstáculos ainda encontrados no “turismo real”?

Não seria tarefa fácil abordar esse tema complexo, em termos conceituais e empíricos, nascido durante uma pandemia – quando boa parte do mundo está em casa. Pois essa, que parecia uma desvantagem, tornou-se justamente condição vantajosa. Como o objeto e os sujeitos de pesquisa seriam encontrados em ambiente *on-line* e o campo da antropologia forneceria o aporte metodológico para a investigação científica, a presente pesquisa se configurou como um estudo de base etnográfica sobre o projeto Viajar de Casa, cujos resultados fornecem elementos indispensáveis para pensar as experiências virtuais à luz do turismo.

“A casa e o mundo” é a seção do artigo que aborda a ruptura dos limites entre essas duas esferas de ação social e apresenta condições, comportamentos, hábitos e experiências *on-line* que emergiram do momento pandêmico. “Viajar sem sair de casa e

a viagem turística” relaciona modos de presença e ação em espaços físicos e virtuais, descreve como surgiu o projeto Viajar de Casa e sua relação com a viagem turística, evidencia a diferença entre o referido projeto e o Airbnb Experiences e enuncia o modo pelo qual a metodologia da pesquisa se impôs. “Estudo de base etnográfica” dispõe sobre o método adotado para a pesquisa e explica os procedimentos para a coleta dos dados. “A experiência da viagem e o despertar para o turismo” conta sobre a vivência, os personagens e os viajantes envolvidos, dedica-se a descrever, interpretar e analisar o processo e estabelece as possíveis relações com o turismo. Nas “Considerações finais”, são destacadas algumas das contribuições da pesquisa para a área do turismo.

Ressalta-se, assim, que a pesquisa tem por interesse refletir sobre o turismo em tempos de pandemia, compreendendo as experiências virtuais como manifestações que expressam ainda mais a relevância do fenômeno turístico na e para a sociedade.

## 2 | A CASA E O MUNDO

Os relatos sobre as situações de vida impostas nesse momento e sobre como cada indivíduo tem vivenciado novas experiências diante dessa especial conjuntura estão em toda parte, de matérias jornalísticas e análises de especialistas em praticamente todas as áreas do conhecimento aos mais variados conteúdos produzidos para as redes sociais. Os que puderam “ficar em casa”<sup>2</sup> e, assim, proteger-se da contaminação de modo mais eficaz, tal como recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>3</sup>, revelam fases semelhantes pelas quais passa(ra)m e tendências que se exacerbaram durante essa experiência de confinamento.

Nos dias iniciais da quarentena, que, a depender do lugar, foi mais ou menos rígida, as pessoas, em meio à enxurrada de notícias sobre o assunto, buscaram variados caminhos para lidar com os sentimentos e as condições que se apresentavam de forma inexorável. A falta que faz a vida social, além de circunstâncias graves como a redução de salário, o desemprego e a total ausência de perspectivas, e ainda situações familiares adversas, o medo concreto ou imaginário da realidade e a dor pela perda de entes queridos marcaram violentamente a vida de muitos. Determinadas pessoas conseguiram se organizar para sua nova rotina, resilientemente. Outros se dedicaram aos livros e a atividades rotineiras ou lúdicas para preencherem o tempo que, momentânea ou ilusoriamente, parecia estendido. Houve os que tiveram comportamentos negacionistas e até irresponsáveis consigo mesmos e com o próximo, e muitos se encontram profissionalmente na linha de frente contra o avanço da doença. O trabalho remoto, o estudo remoto<sup>4</sup>, a propagação de

2 O movimento #ficaemcasa se expandiu pela internet, a fim de conscientizar as pessoas sobre os riscos de proliferação do novo coronavírus.

3 WHO advice to help you and your family to stay healthy at home during this period of confinement due to Covid-19. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/health-yathome>>. 2020.

4 Atividade emergencial adotada por escolas e universidades na tentativa de adaptar o ensino presencial para dar sequência ao ano letivo.

podcasts<sup>5</sup>, vídeos, webinários<sup>6</sup> e lives<sup>7</sup> a respeito de tudo ganharam impulso estreme e confundem-se, agora inescapavelmente, em um mesmo lugar: a casa.

Nem todos têm onde morar, e muitas pessoas moram em casas com não mais que um cômodo e sem estrutura mínima para abrigar os membros que lá residem. Isso considerado, não há como negar a desigualdade social e as realidades muito distintas. De qualquer forma, a casa, seja qual ou como for, precisou ser ainda mais adaptada, diante da acomodação a que tivemos de nos sujeitar.

Misturam-se, assim, a casa e a rua, numa aceção que oferece aproximações e diferenças com as ideias do clássico livro de Roberto DaMatta, em que o antropólogo investiga a sociedade brasileira e suas relações, tomando casa e rua não apenas como espaços geográficos, mas como entidades morais e esferas de ação social.

Ao destacar a existência de um “código da casa”, DaMatta explica que não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, posso comer na varanda no caso de uma festa, mas não posso mudar de roupa na sala de visitas. A sugestão é suficiente para provocar risos ou mal-estar, sinal marcante de que temos dentro da própria casa uma rigorosa gramática de espaços e, naturalmente, de ações e reações. (DAMATTA, 2011, p. 35)

Assim, além de deixar claro que nossa sociedade aprendeu a se comportar nesse ambiente social, o autor destaca que haverá distinção de comportamento dependendo de onde um cidadão se encontra.

Embora existam muitos brasileiros que falam uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal – o esperado e o legitimado – é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação. (DA MATTA, 2011, p. 33)

A atual pandemia, que já se anunciava em 2019, obrigou-nos a extrapolar as fronteiras desses espaços, em muitos sentidos. Não faltaram, talvez por isso, tutoriais de comportamento para se pôr em prática no *home office*. Vídeos sobre como usar luz, enquadramento, microfones, câmeras, apresentar conteúdos e mais uma infinidade de técnicas e “truques” para que todos (a)pareçam bem no ambiente virtual passaram a ser consumidos por empresas, instituições e trabalhadores. A exigência do uso de vídeo foi estabelecida como forma de verificar (ou ingênua tentativa de controlar) a “presença” do indivíduo. Contudo, em pouco tempo, a opção “sem vídeo” dos aplicativos passou a ser admitida com mais frequência, tanto porque colabora com uma transmissão mais rápida e

5 Áudios temáticos semelhantes a um programa de rádio, mas disponíveis para acesso *on-line*.

6 Webinário (*Webnar: web-based seminar*) é uma conferência *on-line* com finalidade educacional.

7 Vídeos com transmissão ao vivo por plataformas e aplicativos em redes sociais.

eficaz dos dados quanto porque ajuda a evitar situações embaraçosas, das quais não se pode desvencilhar quando estão sobrepostos ambientes sociais de naturezas distintas.

O interior da casa ganhou foco. Canais de comunicação pela internet especializados em arquitetura, decoração, arrumação de objetos e roupas entraram em alta, angariando seguidores ávidos por distração e atualidades.

Por interesse pessoal, passei<sup>8</sup> a observar essa tendência em canais no YouTube<sup>9</sup>. E um me chamou a atenção, em especial: o canal de decoração de um fotógrafo interessado nas histórias e na relação que os donos das casas mantinham com elas e com suas “coisas”. O que sempre saltava aos olhos do fotógrafo quando as visitava eram objetos e detalhes que diziam mais da representação afetiva para o dono da residência do que do valor material que porventura tivessem, transcendendo as estritas informações técnicas e estéticas.

Quando se instituiu a quarentena devido ao alastramento da covid-19 em diversos estados do Brasil, o fotógrafo, então impedido de viajar para visitar e filmar casas em diversas cidades, criou duas séries em seu canal no YouTube: uma em que conversa, em sua própria casa, sobre temas ligados à vida e ao cotidiano; e outra em que “visita” casas de modo virtual. A tônica dos vídeos é o estímulo à reflexão sobre atitudes perante a vida, a solidariedade humana e a positividade diante das adversidades, especialmente em um momento de tantas perdas afetivas e materiais. O fotógrafo cita algumas iniciativas que nasceram da criatividade justamente em épocas de crise – pode-se abrir ao mundo, dessa forma, uma porta da casa interna de cada um.

Uma dessas ideias foi mencionada por ele como algo inusitado que acabara de surgir: o projeto Viajar de Casa, de outro fotógrafo apaixonado por viagens, que consistia em levar pessoas para “viajar virtualmente”, de forma imersiva e em tempo real, para diversos lugares. Da casa para o mundo.

O projeto suscitou minha curiosidade acadêmica, e fui em busca de mais informações sobre a proposta, a fim de investigar até que ponto essa “viagem *on-line*” poderia cumprir o que parecia prometer e como ocorreria essa experiência subjetiva sob a perspectiva do turismo.

O ambiente virtual desperta o fascínio, bem como a abominação, de diversas pessoas, leigas ou conhecedoras do tema. Alguns estudos realizados na área do turismo a respeito do uso da tecnologia e do ambiente virtual optaram por perspectivas futuristas ou exercícios imaginativos, gerando ensaios com pouca ou nenhuma credibilidade estritamente científica. Também nesse acorde estão os textos consonantes a viagens para o espaço sideral e até a prováveis modais de teletransporte.

---

8 Por se tratar de estudo de base etnográfica, cabe ressaltar que o uso da escrita em primeira pessoa e as menções diretamente relacionadas com o pesquisador são procedimentos metodológicos desejáveis nos artigos científicos do campo da antropologia.

9 Plataforma de compartilhamento de vídeos pela Internet.

Mais concretamente, pode-se citar o Airbnb Experiences<sup>10</sup>, que estendeu seu produto à modalidade *on-line*, devido à impossibilidade de se viajar enquanto durar a pandemia do novo coronavírus.

As experiências *on-line* são oferecidas no Zoom, uma plataforma de videoconferências na nuvem criada por terceiros que pode ser usada em computadores, tablets e dispositivos móveis [e consistem em] sessões de vídeo interativas ao vivo, limitadas a pequenos grupos, oferecendo acesso a anfitriões experientes e interações *on-line*. (AIRBNB, 2020)

Na Central de Ajuda da página do Airbnb, também há informações sobre como reservar e se preparar para uma experiência *on-line*, além de regras e de breves explicações técnicas. Quanto à diferença entre as experiências presenciais e *on-line*, restringem-se a esclarecer que a segunda é realizada via internet.

Contudo, o Airbnb garante que suas experiências não são passeios comuns e que é possível aprender algo novo em uma viagem a qualquer lugar, por meio das inúmeras e diversificadas atividades oferecidas.

Passando ao *blog* Viver a Viagem, que hospeda o projeto Viajar de Casa, o que primeiro chama a atenção é um vídeo em que o idealizador da proposta fala diretamente para as pessoas que ele imagina que gostem de viajar e que, por isso, gostariam de “viajar ainda mais”. Em seguida à introdução do vídeo, ele pergunta: “E se eu desse uma solução para a gente continuar viajando, só que sem sair de casa?” Depois de mais algumas palavras sobre usar a tecnologia para “entrar no universo dos outros e continuar aprendendo sobre cultura, história, idiomas, música”, por intermédio de uma videochamada para “fazer uma viagem de verdade, ao vivo e conseguindo interagir com quem está lá do outro lado”, o autor do *blog* se apresenta, fala sobre sua experiência pessoal com viagens, o que elas podem representar e o caráter sociocultural do projeto.

Decidi entrar em contato com o fotógrafo para manifestar minhas intenções de pesquisadora e, a partir de então, a intensidade da pesquisa me catapultou para o campo.

### 3 | VIAJAR SEM SAIR DE CASA E A VIAGEM TURÍSTICA

Viajar exige presença. Originada de *praesentia*, do latim, a palavra presença tem algumas acepções, como a que se refere à dimensão corpórea, ao comparecimento ou estada de alguém em algum lugar. Contudo, o significado de presença abrange outros sentidos que extrapolam a condição física no espaço. Um deles está relacionado ao conceito de presença-ação<sup>11</sup>, baseado em uma das três atividades mais elementares da condição humana<sup>12</sup>, segundo Hannah Arendt: a ação.

10 O Airbnb Experiences (ou Experiências do Airbnb) é um produto que oferece atividades desenvolvidas e guiadas por moradores locais no mundo todo, como passeios ou aulas típicos. (<https://www.airbnb.com.br/s/experiences>).

11 O conceito de presença-ação é desenvolvido no livro “Formação humana no ciberespaço: os sentidos da presença na educação a distância”, citado nas referências.

12 Na obra “A condição humana”, a filósofa Hannah Arendt examina as condições de existência do ser humano.

É por meio da ação (e também do discurso) que os homens podem distinguir-se como seres humanos plenos: a ação é a única das atividades humanas inteiramente caracterizada pelo fato de começar algo novo e é a atividade por meio da qual nos inserimos no mundo.

Arendt admite que todas as atividades humanas têm um componente de criação e, portanto, de ação. (GODOY, 2017, p. 57) Devido às imperiosas restrições causadas pela situação de pandemia, uma série de “ações” (no sentido arendtiano) entraram em curso para que o mundo não sucumbisse à absoluta suspensão. A internet se tornou preponderante como ferramenta técnica contemporânea de comunicação. Intensificou-se abruptamente o uso de aplicativos capazes de simular a presença em atividades que dela dependiam. Tal presença não é física, mas designa um modo de ação no ciberespaço, de “estar presente” no mundo. Presença é ação.

Apesar da resistência sempre crítica e necessária ao uso massivo das tecnologias, elas não são apenas questão de escolha, mas de sobrevivência, em muitos casos. E, aos poucos, a sociedade foi precisando encontrar saídas para os mais diversos setores da vida.

Com as viagens turísticas interrompidas, toda a rede de estabelecimentos, serviços e profissionais que integram o *trade* turístico foi paralisada. A ciência ainda não oferece perspectivas de data para o retorno à “normalidade”. Urgente, então, agir, criar, reinventar(-se).

O projeto Viajar de Casa surge nessa conjuntura como uma das soluções a proporcionar entretenimento e trabalho, por intermédio da relação com a cultura e da criatividade e desejo pessoal de um fotógrafo de Florianópolis (SC) que migrou para a cidade de São Paulo, abdicando de sua formação universitária em Relações Internacionais e desistindo de lidar com as burocracias que sua atividade profissional com comércio exterior lhe impunha havia anos. Desde então, ele passou a viajar e descobriu o quanto isso era importante para a sua vida, pois as viagens sempre lhe despertaram o senso crítico e “agigantaram” a maneira como ele enxergava o mundo e a si mesmo. Fotografar fazia parte da viagem, e, depois de sete anos trabalhando na área, ele percebeu que a fotografia era, para ele, uma ferramenta de comunicação, uma espécie de extensão de si mesmo. O foco de suas viagens era sempre mais “antropológico”, cultural; tratava-se de uma tentativa de se sentir, até certo ponto, “desconfortável nos lugares, para aprender com o desconforto e entender que existem muitas verdades”. O fotógrafo completa:

eu não acredito em viagens que me transportam de uma bolha para outra. Gosto de me aventurar cada vez mais em território novo, que vai me fazer assimilar mais maneiras de ser diferentes, me fazendo aprender a respeito da minha própria cultura com as pessoas.

As formas de ele fotografar e viajar foram amadurecendo. Desejou compartilhar suas experiências, criou o *blog* Viver a Viagem e passou a publicar fotos em perfil do Instagram. Mas notou um crescente “movimento egóico de viajar”:

Parecia que todo mundo queria se mostrar com um fundo diferente. Aí era campanha publicitária, cinco roupas e uma paisagem, uma apropriação cultural aqui, outra ali, e eu pensava: – cara, isso não é viajar pra mim. É usar o “fundo cultural dos outros” como cenário para acariciar o ego.

Essa reflexão o fazia pensar sobre como ele poderia despertar nas pessoas um pouco mais de senso crítico. Decidiu, então, parar de postar por um tempo e começou a escrever em seu *blog* sobre seus pensamentos mais críticos. Também passou a publicar, no Instagram, textos maiores em que lançava perguntas, segundo ele, “de cunho antropológico, sem que essa concepção estivesse claramente explícita”. A ideia era provocar questionamentos a respeito de temas como o etnocentrismo, por exemplo, mas procurando demonstrar que “a viagem, em si, não transforma você, se você não se deixar ser transformado”.

Assim explicou Alexandre<sup>13</sup>, de 33 anos, idealizador do projeto que lhe possibilitaria visitar lugares, pessoas e culturas que já havia conhecido – essa era a gênese do projeto – e formar uma rede de relações entre sujeitos com os mesmos interesses de viagem que ele e profissionais que também atuassem com esse viés. Essa era uma abordagem muito próxima do que se pode definir como turismo cultural, não no sentido de um “segmento de mercado”, mas da

atração que os turistas em potencial possuem por “aquilo que as pessoas fazem”, incluindo a cultura popular, a arte e as galerias, a arquitetura, os eventos festivos individuais, os museus e lugares patrimoniais e históricos, com o intuito de vivenciar a “cultura” como uma forma distinta de vida e de participar de novas e profundas experiências culturais, tanto no campo estético quanto no intelectual, emocional, psicológico. (SANTANA, 2009, p. 186)

Mas a ideia só lhe ocorreu depois da pandemia instalada. Alexandre já havia se conscientizado de que seria impossível viajar no ano de 2020, quiçá em 2021. Só que sua atividade profissional como fotógrafo também estava em risco, pois, além de ele não poder exercê-la em viagens de turismo, dificilmente seria chamado para trabalhos presenciais, e não fazia ideia de como viveria como profissional autônomo “em tempos de covid”.

Foi quando ele assistiu à série do Canal mencionado no início deste artigo, que consistia em visitar *on-line* a casa das pessoas. Então, Alexandre pensou: “E se eu visitar

---

13 Optou-se por substituir os nomes dos informantes da pesquisa, à exceção desse. Uma vez que o projeto citado como objeto de estudo existe e pode ser facilmente encontrado na Internet, não haveria motivos para manter anônimo seu idealizador, a menos que essa fosse sua exigência. Assim, não se infringe a ética da pesquisa, e cumpre esclarecer que o uso de seu nome e de seu projeto teve seu consentimento livre e esclarecido, bem como formalizado em documento por ele assinado. Além disso, não exibir seu nome e o de seu projeto poderia soar como uma espécie de uso indevido das informações para usufruto próprio do pesquisador. Essa questão gera amplo debate entre pesquisadores da área das Ciências Sociais, mais especificamente da Antropologia, como se pode verificar em diversos textos, entre os quais “Ética na pesquisa em Ciências Humanas – novos desafios”, de Débora Diniz. Ainda sobre o tema do anonimato nas pesquisas antropológicas, indica-se a leitura do capítulo “O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’”, de Claudia Fonseca, publicado no livro “Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo”, citado nas referências do artigo.

pessoas que conheci durante a minha vida nesses lugares e falar sobre cultura através delas? Eu nunca vi isso!”. Por meio de videochamadas, que se tornariam ferramenta útil para a concretização da ideia, ele poderia criar conteúdo cultural relativo a viagens, algo que sempre valorizou.

Duas semanas depois, quando o projeto já estava em processo de elaboração, o Airbnb lançou seu produto “Experiences” de modo *on-line*. Ele se entusiasmou por achar que estava no caminho certo de uma inovação, mas o formato do Airbnb não era o que idealizava.

Tal como se pôde verificar nesta pesquisa, o Airbnb Experiences *on-line* (AIRBNB, 2020) é um portal que oferece tantas atividades quantos forem os “anfitriões”<sup>14</sup> dispostos a compartilhar suas experiências com pessoas que quiserem reservar uma vaga com elas. As experiências, por sua vez, distribuídas em categorias e subcategorias, podem variar de uma leitura de tarô na Índia a dançar com uma estrela do K-pop na Coreia do Sul; de interagir com um mágico nos Estados Unidos a aprender a fazer desenhos criativos com um professor mexicano; de participar virtualmente de uma aula de salsa em Porto Rico a assistir à preparação de uma *paella* na Espanha. Não há facilitação ou tradução, uma vez que se trata de videochamadas que unem diretamente “hóspede” e “anfitrião”. Não há conteúdo extra sobre os temas, e as experiências duram de uma a duas horas. O valor a ser pago pelo hóspede pode ser mais ou menos acessível, de acordo com a atividade escolhida. A visita a uma fazenda com cavalos e burros em miniatura, no Phoenix, Estados Unidos, com duração de uma hora, oferecida em inglês para até dez pessoas, custa a partir de 27 reais por pessoa, enquanto uma leitura astrológica e de mapa astral, em Barcelona, Espanha, com duração de uma hora e oferecida em inglês, espanhol ou português, vale a partir de 409 reais por pessoa.

No projeto Viajar de Casa, Alexandre afirma que, em primeiro lugar, quer conversar com a pessoa local para cocriar alguma ideia com estrutura e ritmo próprios (já que a dinâmica presencial é diferente da interação por uma tela) e, assim, oferecer o máximo de protagonismo a quem ele chama de “personagem”<sup>15</sup>. Alexandre exerceria, então, o papel de “facilitador” – figura inexistente no Airbnb Experiences *on-line* –, explicando o que fosse necessário quando houvesse dúvidas e traduzindo as falas de personagens estrangeiros (nem sempre é o caso, porque há personagens brasileiros morando no exterior e pode também haver grupos que compreendam o idioma do destino). Portanto, o tipo de facilitação dependeria de cada “viagem” – termo nativo empregado.

---

<sup>14</sup> Termo adotado pelo Airbnb para as pessoas que oferecem experiências.

<sup>15</sup> “Personagem” é uma categoria nativa do projeto Viajar de Casa. Alexandre explica que anfitrião é aquele que nos recebe em algum lugar e personagem seria uma personalidade que exerce o protagonismo na condução dos viajantes e passa a ser uma figura conhecida entre todos, uma espécie de referência do local. Ele admite que o termo pode dar uma ideia errônea, assemelhada com a de um ator a encenar algo, mas afirma veementemente que a proposta não é essa. Um personagem não deixa de ser um anfitrião, mas nem sempre o anfitrião (tal como relacionado a viagens presenciais) é um personagem. Talvez exista aí distinção ainda mais forte entre o personagem e o profissional que atua nos serviços de um receptivo de viagem.

No *blog*, além do vídeo em que o próprio criador do projeto apresenta a ideia – o que produz uma sensação de proximidade, confiança e acolhimento –, há outras informações escritas sobre o que é viajar de casa, qual o propósito, quem se beneficia, quais as viagens que já ocorreram e quais estão em desenvolvimento, entre outros esclarecimentos. O projeto não delimita o tamanho dos grupos, mas reforça que deverão ser pequenos, para que todos tenham a oportunidade de interagir com quem for recebê-los. Quanto à duração, informa que há dois estilos de viagem: padrão e customizada. A primeira dura de duas horas a duas horas e meia, e seu objetivo é proporcionar aprendizado e entretenimento e que o hóspede vivencie “um pouco de tudo”. A segunda tem duração a combinar, pois é destinada àqueles que desejam se aprofundar em determinado assunto e que pretendem fazer uma “viagem imersiva” mais longa.

Quanto ao preço, o que primeiro aparecia nessa área do *blog* era a seguinte frase: “uma das intenções primárias do projeto é possibilitar que o turismo continue acontecendo e que quem vive dele possa continuar trabalhando”<sup>16</sup> (VIVER A VIAGEM, 2020). O fato de essa ser uma fonte de renda, ao menos complementar, para os que trabalham com o turismo vai ao encontro das expectativas dos trabalhadores da área que se viram sem referências quando se alastrou a covid-19. O *blog* destaca que metade do valor cobrado vai direto para o anfitrião. Alexandre afirma que o valor líquido, depois de extraídas igualmente as despesas fiscais e bancárias, é dividido meio a meio, não havendo outros intermediários. Ele espera que isso “deixe a pessoa do outro lado motivada a querer fazer isso, a partilhar a própria cultura e ser remunerada por isso”. Segundo ele, é fundamental que a pessoa se sinta “satisfeita com o que está fazendo, com a história que ela está contando e [*perceba*] que a cultura dela é bonita”.

Dependendo do destino, o custo pode variar, mas o *blog* esclarece que a ideia é oferecer experiências financeiramente acessíveis. Assim, uma viagem do tipo padrão custa de 150 a 200 reais por pessoa. Esse cálculo, segundo a descrição, foi feito com base na “complexidade e profundidade dos assuntos abordados, necessidade de tradução, tempo de duração e número de anfitriões participantes na viagem” (VIVER A VIAGEM, 2020).

A *hashtag* #ficaemcasa se difundiu pela internet. Era preciso promover a conscientização sobre seguir, ao máximo, a condição de quarentena. Tudo o que se desejasse ou necessitasse fazer sem sair de casa era bem-vindo. O projeto Viajar de Casa nasce nesse contexto, a fim de propiciar alguma forma de escape para uma “demanda reprimida” (LOHMANN; PANOSSO NETO, 2008, p. 238), ou seja, pessoas que se viram impossibilitadas de realizar viagens presenciais devido à pandemia. Contudo, o projeto parecia querer ir além dessa contingência. “Ressignificando o turismo” era o título de uma seção anterior<sup>17</sup> do *blog* que deu destaque ao fato de que o projeto possibilitaria “também levar a experiência para quem não pode participar de uma edição física – por medo, falta”  
16 O *blog* atualizou o trecho para “mantendo o turismo acontecendo independente da presença física” (VIVER A VIAGEM, 2020).

17 Após a realização da pesquisa, parte do *blog* foi remodelado, suprimindo textos e dando mais ênfase a imagens.

de preparo, tempo, dinheiro ou saúde” (VIVER A VIAGEM, 2020), ou seja, a chamada “não-demanda” (LOHMANN; PANOSSO NETO, 2008, p. 238). Anuncia-se, assim, que o projeto não se limitaria às circunstâncias do momento, pois há outras situações que podem determinar tal escolha. O medo de viajar para certos lugares, seja devido à violência, ao terrorismo ou por se tratar de destino pouco conhecido, leva pessoas menos dispostas a enfrentar possíveis adversidades a desistir de muitas viagens turísticas. Também os que sofrem de fobias como pânico de avião por medo de altura ou de lugares fechados poderiam encontrar nas viagens *on-line* tanto uma forma de satisfazerem seu desejo de conhecer novas culturas quanto estímulo para buscarem ajuda médica e psicológica para ultrapassarem esses fatores limitantes. Viajar exige preparo e planejamento, mesmo para viagens curtas ou lugares próximos. Comprar passagens, escolher a data mais favorável, reservar hospedagem e até arrumar as malas são preparativos dos quais nem mesmo os mais desprezados e aventureiros conseguirão escapar. A falta de tempo é queixa recorrente da contemporaneidade, sem contar o fato de que nem sempre é possível coordenar a agenda para, por exemplo, viajar em família na mesma ocasião. Em razão disso, o tempo pode ficar limitado a poucos dias e em períodos de alta temporada, o que encarecerá de forma tão impactante a viagem turística que poderá inviabilizá-la. Quanto ao dinheiro, além do que já foi mencionado, devem-se considerar as altas taxas e o câmbio das moedas como fatores restritivos ao turismo. E o último motivo diz respeito à saúde, que envolve a própria contaminação por covid-19, mas também todas as doenças contagiosas ou que deixam pessoas acamadas. Também se enquadram idosos com dificuldades de locomoção e pessoas com problemas de acessibilidade. A experiência *on-line*, segundo essa perspectiva, seria, então, uma das oportunidades que todas essas pessoas teriam para, de algum modo, terem a sensação de viajar<sup>18</sup>.

Por outro lado, o projeto destaca que viajar de casa é uma maneira de complementar, e não de excluir, a viagem física. Para aqueles que amam viajar, essa seria não apenas uma chance de conhecer lugares e pessoas que poderão ser visitados futuramente, mas também uma forma de estímulo para se viajar com ainda mais frequência.

Alexandre revela, em entrevista para a presente pesquisa, que o projeto também tem caráter social<sup>19</sup>, embora essa informação não esteja divulgada no *blog*. A cada viagem

*on-line*, incorporam-se pessoas em situação de vulnerabilidade, pessoas sem recursos

18 Evidentemente que, ao tomarmos o plano presencial como única expressão da realidade, é impossível “viajar *on-line*” em seu sentido literal. Logo o caráter metafórico é claramente compreendido e evidenciado, no texto, como representação. Contudo, “viagem” é termo nativo, não cabendo ao pesquisador alterar seu uso, mas sim, explicá-lo perante o contexto analisado.

19 “Ao pensarmos a questão do turismo como problema social, devido à sua inacessibilidade por diversas camadas da população, logo vem em mente o conceito de Turismo Social, que, em seu viés clássico, tratado na Carta de Viena, tem foco na inclusão social e na cidadania, com uma maior democratização das viagens, através de ações que possibilitem às camadas mais vulneráveis da população usufruir do turismo. [...] É necessário ampliarmos a concepção de Turismo Social, reconhecendo o turismo como uma prática essencialmente humana, que culmina em um complexo fenômeno social. É importante valorizar o trabalho que a OITS realiza, desde 1963, para estimular que pessoas excluídas do movimento turístico tenham acesso a esse tipo de viagem, estabelecendo reflexões acerca do turismo, relacionadas à cidadania, à democracia, aos direitos humanos, à equidade e à solidariedade”. (ARAÚJO; GODOY, 2016)

para efetuar o pagamento, estudantes bolsistas, entre outros.

O projeto foi lançado em 1º de maio de 2020, e a primeira “turma” se formou no dia 17 de maio. Turma é outro termo nativo do projeto. Quando perguntado ao Alexandre o porquê da palavra, ele respondeu que sequer havia percebido que usava tal nomenclatura. Talvez intuitivamente, a abordagem educativa mencionada por ele como um dos objetivos intrínsecos à viagem se manifeste nessa representação semântica.

As “viagens de casa” ocorrem nos finais de semana, e, aos poucos, o projeto já começa a criar um calendário mensal e mais diversificado.

Alexandre confessa que ainda precisa cuidar mais de questões contratuais, como cancelamentos e obstáculos diversos, como problemas de conexão de internet (tanto por parte do personagem quanto do “viajante”<sup>20</sup>), além de situações climáticas ou contingenciais inesperadas que inviabilizem a viagem *on-line* na data prevista. Mas o que lhe é mais aflitivo é o fato de ele não saber como se portará perante situações como discriminação, formas de racismo, misoginia, lgbtobia. Para ele, esses comportamentos não podem ser admitidos ou tolerados, tanto porque implicam agressão à vítima e constrangimento aos outros participantes da viagem, quanto porque ferem os valores éticos que o projeto garante preservar.

Quanto ao limite de idade dos participantes, Alexandre afirma que uma criança de 12 anos viajou junto com os pais e uma de cinco viajou “no colo”<sup>21</sup> da mãe. Mas que cabe aos responsáveis pelas crianças, providos de todas as informações prestadas, decidir se eles viajarão ou não.

A coleta de dados inicial e as pesquisas de gabinete não pareciam suficientes para responder ao problema de pesquisa. Seria necessário ouvir e dar voz a outros sujeitos dessa rede (comunidade), a fim de verificar como se efetiva a proposta do projeto para eles e de que modo se opera a dinâmica da viagem *on-line*.

Decidi viajar com o projeto para Roma (Itália) e para Margilan (Uzbequistão), lugares completamente diferentes e relevantes para a pesquisa, por alguns motivos. Roma é uma cidade europeia, capital de um dos países que estão entre as referências turísticas mais fortes em termos de arte e patrimônio cultural para o Ocidente. É um destino que eu já conhecia, o que me propiciaria testar sentidos e comparar a viagem *on-line* com a presencial. Margilan, cidade do leste da República do Uzbequistão, localizada na Ásia Central, é núcleo de tecelagem da seda e do algodão processada com técnicas tradicionais. Como jamais estive nesse destino, seria uma oportunidade de experimentar uma viagem *on-line* sem comparações presenciais.

---

20 Viajante é outro termo nativo e parece estar de acordo com o projeto. “As formas pelas quais os viajantes percebem a natureza e a cultura diferem de acordo com o tipo de viajante e sua formação, além de sua história de vida. Analisar a diferença entre turista e viajante é investigar como esses autores percebem, interpretam, julgam e representam uma realidade (paisagem, situações e acontecimentos), qualificando e quantificando, atribuindo valor etc.” (FIGUEIREDO, 2010, p.27)

21 Expressão que também pode expressar sua condição de não pagante, tal como nas viagens turísticas presenciais.v

## 4 I ESTUDO DE BASE ETNOGRÁFICA

A etnografia emergiu como o método mais apropriado para se olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002) as viagens culturais *on-line*, sua dinâmica e os envolvidos nesse processo. A observação participante, complementada por entrevistas (exploratórias e em profundidade) e por investigações em fontes primárias e secundárias, seria realizada por meio da etnografia virtual<sup>22</sup>, cujo campo está *on-line* (cibercampo) e pode ser acessado de qualquer lugar por computadores, celulares, tablets, com aplicativos ou browsers conectados à internet. Adentrar os ambientes virtuais para a realização de pesquisas, especialmente na área das Ciências Sociais, é um procedimento metodológico cada vez mais fundamental, já que eles passaram a ser novos espaços de sociabilidade humana.

Contudo, a pesquisa ora realizada se construiu como um estudo de base etnográfica, pois uma etnografia demandaria tempo distendido e estudos verticalizados de categorias de análise – o que não se conjecturou como finalidade. Os estudos de base etnográfica são adotados como aqueles que abraçam os fundamentos antropológicos da etnografia e os trabalham circunscritos e equivalentes a um estudo de campo etnográfico exploratório, o que em nada diminui o mérito científico de uma pesquisa.

Realizou-se pesquisa de campo de cunho etnográfico, com vivências no grupo estudado e elaboração de caderno de campo; foram identificadas categorias nativas, entrevistados informantes (a entrevista também é considerada uma técnica que integra a etnografia), e realizado estudo descritivo dos diversos sujeitos, de suas características antropológicas e sociais.

Deve-se, ainda, enfatizar fortemente que a pesquisa apresentada não trata, em hipótese alguma, do que se convencionou intitular “etnografia”, termo atribuído a Robert Kozinets, professor canadense da área de marketing. Toda a fundamentação teórica e metodológica utilizada no artigo está ancorada em estudos previamente realizados, cuja referência principal é a cientista Christine Hine (2004; 2005; 2015), professora titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Surrey, no Reino Unido, e pioneira em demonstrar que etnografia implica forma de envolvimento em tempo real, o que não ocorre apenas em ambientes físicos, mas também em ambientes *on-line*, carregados de sociabilidades e subjetividades. Para tanto, passou a ser referência internacional com os livros “Virtual Ethnography” e “Virtual Methods”, ambos referenciados no presente artigo.

Os dados coletados apenas nas primeiras horas de pesquisa foram tão volumosos e complexos que seríamos obrigados a realizar análises que fatalmente extrapolariam os objetivos que aqui se deseja alcançar. Portanto, o recorte temático e metodológico precisou se manter coeso.

Ainda nesse preâmbulo, é importante destacar que, tanto pela natureza do objeto de estudo em questão quanto pelas limitadas condições de locomoção devido à

22 Ver Christine Hine (2004).

pandemia, optou-se por não realizar nenhum tipo de procedimento metodológico presencial complementar para essa pesquisa.

A primeira entrevista foi realizada com o idealizador do projeto. Teve, em princípio, caráter informativo e, com o decorrer do tempo, tornou-se mais aprofundada e reflexiva. Ela ocorreu por meio do aplicativo GoogleMeet, com uso de som e imagem, e teve a duração de 1 hora e 49 minutos. Cumpre informar que o vídeo foi gravado, com autorização do entrevistado. Nossa interlocução também aconteceu via troca de mensagens por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp, em dias e horários variados.

Do mesmo modo, a segunda entrevista ocorreu com a anfitriã/personagem da viagem a Roma, e durou pouco mais de duas horas. Também houve trocas de mensagens escritas, por e-mail e por WhatsApp.

A terceira entrevista, realizada com uma das viajantes, que participou das mesmas viagens a Roma e a Margilan, ocorreu por intermédio de mensagens de e-mail e de WhatsApp, pois, segundo sua avaliação, ela se expressa melhor por escrito.

Particpei, assim, de duas “viagens de imersão” em tempo real. A primeira, para Roma, ocorreu no dia 11 de julho de 2020, das 8h30 às 13h20, e reuniu 22 viajantes<sup>23</sup>. A segunda, para o Uzbequistão, aconteceu em 12 de julho de 2020, das 9h às 12h44, e teve nove viajantes<sup>24</sup>.

Os viajantes também interagiram por meio de um grupo de WhatsApp, criado anteriormente à viagem pelo idealizador do projeto. No grupo, foram realizadas as trocas de mensagens e informações da pré, durante e da pós-viagem. Essas se tornaram também mais uma fonte de informação para a pesquisa.

Nesses espaços em que a turma estava concentrada, identifiquei-me como pesquisadora – com a devida autorização do proprietário do grupo. Essa informação não pareceu gerar qualquer embaraço ou desconforto aos viajantes. Ao contrário, houve boa receptividade e mesmo certa curiosidade por parte de alguns. Diversas pessoas se prontificaram a colaborar com suas impressões e depoimentos.

Os dados coletados nas anotações do caderno de campo somaram cerca de 48 páginas. Além disso, foram quatro horas de entrevistas gravadas, cerca de oito horas de imersão nas viagens (mais o tempo da pré e da pós-viagem) e outras muitas horas de leituras de fontes primárias com conteúdos da viagem, relatos, fotos, depoimentos exclusivos para a pesquisa e interação com os viajantes.

Todas as informações foram sistematizadas e analisadas de acordo com o objetivo da pesquisa e criteriosamente selecionadas para publicação no presente artigo. Contudo, foi preciso abandonar temporariamente quantidade significativa de dados que não se

---

23 Ao todo, aparecem 25 participantes na tela do app Zoom, pois são duas conexões do Alexandre e 1 do anfitrião/personagem.

24 Nesse dia, Alexandre participou com três conexões, e houve uma conexão do anfitrião/personagem; foram 13 participantes, no total. Muito embora se possa considerar que Alexandre também seja um viajante, na medida em que também vive a viagem, optou-se por contabilizar apenas as pessoas que se utilizaram do serviço por ele oferecido.

relacionavam ao escopo deste estudo.

Assim, a próxima seção do artigo se dedicará à descrição, interpretação e às análises das experiências etnográficas vividas nas viagens culturais de imersão *on-line*.

#### 4.1 A EXPERIÊNCIA DA VIAGEM E O DESPERTAR PARA O TURISMO

Depois de uma semana na expectativa da viagem, em que os viajantes receberam informações extras sobre o destino, como a localização geográfica, as características do modo de vida local e os bens patrimoniais mais famosos ou aqueles só conhecidos quando se visita o lugar, cresce a ansiedade pela hora do “embarque” – analogia com o turismo adotada pelo projeto para o momento da conexão pelo aplicativo Zoom.

A troca de mensagens se intensifica: “Malas prontas?”, “Ansiosa para novas descobertas!”, “Empolgada! Estudando para amanhã!”, “Pessoal, [...] minha mãe ficou achando que eu estava furando a quarentena e toda preocupada.” (Seguem-se risos.) Alexandre intervém: “Avisa para ela que é uma viagem bem segura. Fazemos do conforto de casa”.

Entre outras mensagens em que os viajantes mencionavam fatos históricos sobre a localidade, perguntavam detalhes, demonstravam animação e compromisso com a viagem, a turma seguia entrosada. Havia também os que tiravam dúvidas relativas ao uso do aplicativo e sobre como deveriam proceder, pois tinham pouco ou nenhum conhecimento a respeito. A esses viajantes Alexandre oferecia uma espécie de “suporte técnico”, realizando, inclusive, testes com eles.

Dia da viagem. Chega o aviso do check-in. Novo rebuliço logo cedo no grupo de WhatsApp. Conexão feita, surgem os rostos na tela. Alguns viajam sozinhos, outros em casal, e há até famílias sentadas no sofá da casa. Algumas pessoas viajam da varanda, outras do quarto, da sala, vestidos com camisetas ou casacos, sob a luminosidade do dia ensolarado ou nublado. Partem de várias cidades do Brasil e do exterior. O primeiro sentido que emergiu fortemente para mim foi o de ubiquidade tecnológica, a sensação de estar presente, ao mesmo tempo, em diversos lugares. Mesmo com todos reunidos na “sala de embarque”, estávamos ao mesmo tempo em São Paulo, Recife, Miami, Rio de Janeiro, Veneza, apenas para citar alguns dos lugares de origem dos viajantes, que contavam também um pouquinho a respeito de suas cidades e seus países.

Hora de nos transportarmos para Roma e encontrarmos a personagem Helena<sup>25</sup>. Mulher, preta, baiana, da periferia de Salvador, criada apenas pela mãe, que faleceu quando ela fez 18 anos, Helena mora em Roma há mais de 15. Deixou o Brasil aos 23, sem nunca antes ter viajado de avião. Formou-se em valorização do patrimônio cultural pela Universidade de Roma Tor Vergata e cursou pós-graduação em História da Arte. Habilitou-se como assistente de guia de turismo e estudou sozinha para passar em concurso

---

25 Os nomes dos informantes da pesquisa foram substituídos para que eles tenham suas identidades preservadas.

público que lhe deu o direito à habilitação como guia de turismo de Roma e ao trabalho autônomo. Fez outro concurso para obter a credencial de intérprete turístico, teve seu currículo selecionado pelo Vaticano e tornou-se um dos três guias falantes do português da Necrópole Vaticana, localizada no térreo do complexo patrimonial. Passou a atuar como guia da Basílica do Vaticano, no segundo nível do edifício, mas seu objetivo maior era também ser guia externa dos Museus Vaticanos, situados no terceiro andar. Quando ela, finalmente, conquistou essa habilitação, teve a certeza de que “todos têm o direito de sonhar e que, se as portas estão abertas, é para você entrar”. Helena conta que costuma brincar dizendo “eu comecei pelo subsolo, pelo chão”. Sente orgulho da profissão e do que precisou enfrentar como estrangeira vivendo na Europa.

Os viajantes não conhecem a história de vida de Helena. Ela apenas se apresenta de forma alegre e simpática para dar início à viagem cultural de imersão *on-line*. Os viajantes a acompanham e interagem com ela, que caminha pelas ruas de Roma, fazendo um percurso de 4 km, destacando ícones do patrimônio artístico e cultural da cidade, bem como o cotidiano da vida local. Essa é uma perspectiva que compreende o patrimônio como

o reflexo da sociedade que o produz, sendo que mesmo que ele não seja construído pela coletividade, é essa sociedade que o acaba legitimando e incorporando o seu teor simbólico. [...] Qualquer definição que surja de patrimônio remete a um fator comum, o de **patrimônio simbólico**, representado pelo entrelaçamento entre a materialidade e a imaterialidade dos objetos que marcam determinado tempo e sua gente. (BRUSADIN, 2015, p. 49. Grifo do autor)

Alguns viajantes reveem lugares já conhecidos e revisitam suas memórias de outras viagens físicas, algumas compartilhadas com os demais. Quem nunca esteve em Roma parece sentir o fascínio da primeira vez, dizendo-se encantado. Como qualquer turista que passeie a pé pela cidade, os viajantes interagem com ela e com outros personagens que surgem. Ao passar por uma viela, Helena avistou uma noiva, que estava a caminho da igreja. Os viajantes começaram a falar e escrever pelo chat do Zoom, admirados com aquela inusitada situação, em que viram italianos desejando boa sorte e aplaudindo a moça, que correspondia alegremente. Tivemos também a sorte de encontrar o Panteão<sup>26</sup> aberto e com pouca fila – dada a ausência quase total de turistas. Talvez tenha sido esse o único momento em que Helena precisou pôr sua máscara de proteção. Segundo as orientações locais, devido à pandemia, podia-se caminhar sem máscaras nas ruas de Roma, mas não entrar sem elas em locais fechados.

Os viajantes estavam completamente envolvidos com a viagem, perguntavam e pediam para tirar fotos<sup>27</sup>. Helena mostrava tudo por um celular, apoiado em um estabilizador

26 Cabe destacar que visitas a museus e locais pagos não são realizadas nas viagens *on-line*, pois, além de nem sempre se poder filmar ou mostrar o ambiente interno por regras da instituição, seria antiético pagar um só ingresso para que vinte pessoas, por exemplo, usufríssem da visita.

27 Nessa modalidade de viagem, as fotos são feitas na forma de prints da tela em exibição. Helena parava de caminhar, acertava o foco e avisava que poderíamos tirar fotos, se quiséssemos. Observei que alguns viajantes pediam para ela

de imagem e conectado à internet. Ao longo do percurso houve três desconexões, duas delas causadas pelo fato de “passarmos” por lugares estreitos cercados por edifícios seculares de paredes grossas e outra para troca da bateria do celular. Durante os dois primeiros momentos, algumas imagens locais foram compartilhadas pelo Alexandre, e, no terceiro, houve um breve intervalo, já programado.

Helena também passou por uma loja que vendia *suppli*, apresentou-nos o dono do lugar e saboreou o tradicional bolinho de arroz italiano. Já era próximo à nossa hora de almoço, e os viajantes começaram a dizer “também quero!”. Ríamos da impossibilidade de atravessar a tela e alcançar aquela iguaria. Helena, percebendo a situação, solidarizou-se e, sensibilizada, comeu meio bolinho apenas para mostrar como ele era por dentro. Os viajantes insistiram para que ela o comesse por inteiro, afinal, ela estava andando havia várias horas e deveria estar com fome. Nesse momento, pôde-se notar o quanto os viajantes e a personagem estavam integrados.

Em alguns momentos da viagem, Helena perguntava se as pessoas “estavam com ela”, já que a câmera passava a maior parte do tempo voltada para os locais visitados. Só quando virava a câmera para ela, via os rostos das pessoas. Esse é um estranhamento vivido não apenas na viagem *on-line*, mas em muitas situações a que estamos submetidos ao usarmos certos recursos pela Internet.

Helena vira pela última vez a câmera para se despedir e encerrar a viagem. Cria-se forte comoção nesse momento, em que todos podiam se olhar e confraternizar. Alguns se emocionam quando Helena, em lágrimas, fala das saudades do Brasil e profere a frase do imperador e filósofo estoico Marco Aurélio: “A ninguém acontece coisa alguma que não seja, por natureza, capaz de suportar”. Helena talvez falasse dela, de tudo o que enfrentou na vida, mas também do momento atual, em que se viu sem opções de trabalho por causa da pandemia. A frase não deixa de ser, igualmente, mensagem de estímulo à turma de viajantes. Vale lembrar que a experiência turística, centrada nos indivíduos, “é afetada por todos e cada um dos grupos, que interagem no ambiente no qual se desenvolve” (SANTANA, 2009, p. 179).

Finda a viagem, vamos desembarcar do aplicativo e passar pelo ritual de “descompressão”. Assim Alexandre chama o momento em que os viajantes “retornam da experiência”. Esse momento também é destinado a um bate-papo sobre qualquer desconforto cultural que o viajante tenha sentido. No caso da viagem a Roma ou a outros destinos mais conhecidos, esse período não envolve situações mais complexas, como no caso da viagem ao Uzbequistão, em que os costumes locais podem “incomodar”. Segundo ele, essa pode ser justamente a oportunidade de se conversar sobre a relação com o diferente e minimizar preconceitos.

Mas a descompressão, pelo que pude experimentar como viajante, também é a passagem da rua-mundo à casa. Depois de horas de imersão, a sensação subjetiva é a de virar a câmera, esperar mais um pouquinho, como se eles pudessem comandar uma câmera a distância.

que realmente viajamos. Os relatos dos viajantes demonstram esse momento:

Gente, ainda estou absorvendo tudo aqui! Que encanto de viagem! (Viajante 2)

Nossa! Descobri mil coisas que eu não sabia mesmo tendo estado lá! Amei muitooooo! (Viajante 3)

Foi uma viagem encantadora e com uma gama enorme de informações interessantes. E a todos que participaram foi um prazer viajar com vocês! (Viajante 4)

Me surpreendi muito com essa viagem. Foi emocionante! Obrigada pela companhia de todos. Foi muito legal! (Viajante 5)

Obrigado, assim que puder farei outra viagem! (Viajante 6)

Alê, muito obrigada por ter tido essa ideia brilhante!! Parabéns pela organização, adorei, sério! Foi muito melhor do que eu imaginava! (Viajante 7)

Os grupos de WhatsApp permanecem ativos na pós-viagem, a fim de que as pessoas troquem contatos, informações, deixem suas impressões da experiência. Alexandre também envia aos viajantes questionário para avaliarem a experiência, que é respondido por cerca de 70% deles.

A viagem a Margilan foi semelhante à viagem a Roma em vários aspectos, especialmente quanto à imersão, tônica dessa modalidade. Mas, diferentemente da vivência anterior, fomos à casa de um mestre de *ikat* – um tipo de tecelagem artesanal, considerado tesouro nacional – e não pudemos circular nas ruas devido às restrições locais quanto à pandemia.

Ele falava com os viajantes em inglês e Alexandre fazia a tradução consecutiva para o português. Conhecemos o filho e a mãe do tecelão, que preparava uma iguaria da culinária uzbeque reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. O *plov* (ou *palov*) é feito de arroz com especiarias, legumes, carne e, às vezes, passas e frutas cozidas em uma panela suficientemente grande para alimentar dezenas de pessoas. Vê-la preparando a comida foi o primeiro momento de maior interação entre os viajantes e os personagens, que explicavam em detalhes o modo de preparo desse prato tradicional.

O personagem principal dessa viagem mostrou sua casa e seus costumes. Durante a viagem *on-line*, rezou com o filho, tal como preconiza a religião muçulmana – nesses momentos de pausa, os viajantes deveriam ficar em silêncio e apenas observar. Contou

uma lenda sobre a criação da padronagem *ikat*, explicou o trabalhoso passo-a-passo da confecção dessa arte têxtil e demonstrou seus produtos. Foram feitas muitas perguntas a ele, que conseguia nos ver na tela, enquanto o filho o filmava – diferentemente de Helena, em Roma, que segurava o celular por conta própria. Ao final da viagem, sua família reuniu-se ao redor de uma mesa típica para jantarem o *plov*, e todos se despediram com acenos alegres e agradecidos.

Uma das viajantes foi Luciana<sup>28</sup>, 62 anos, que mora sozinha, na cidade de São Paulo. Ela realizou as duas viagens *on-line* e disse ter gostado tanto que já agendou outra. Pagou 150 reais para ir a Roma e 200 para viajar a Margilan, lugares que não conhecia. Segundo ela, as viagens despertaram seu desejo de conhecê-los presencialmente. Antes da pandemia, viajava bastante com grupos de amigos ou sozinha, quando, segundo ela, tem mais oportunidade de “conversar com muitas pessoas, conhecer o lugar pelo olhar do morador local”. Gosta de visitar museus e de descobrir paisagens diferentes. E, em entrevista, confirmou: “mesmo quando a pandemia passar, se esse tipo de viagem continuar, farei muitas. O preço é bom, as explicações [...] são claras. Percebo os guias dedicados e se especializando nesse novo relacionamento com o turista”. Nota-se que os termos usados por Luciana são próprios ao turismo.

Outros viajantes também afirmaram ser a viagem *on-line* uma possibilidade, ao menos temporária, de superar obstáculos encontrados para se realizar uma viagem presencial, seja por questões de acessibilidade e problemas de saúde que impeçam a mobilidade do viajante, por contingências relacionadas ao medo social e a situações como a própria pandemia.

A viagem *on-line*, segundo Alexandre, simula o que fazemos de modo presencial, quando nos preparamos por meses para uma viagem e, na volta, *revisitamos* o lugar, contando para alguém, mostrando fotos e vídeos. “A intenção é criar, em uma semana, o ritmo real de uma viagem”, ele diz.

Para o idealizador do projeto, quanto mais uma pessoa viaja, mais bagagem acumula para formar seu senso crítico. Com as viagens *on-line*, Alexandre espera despertar no viajante seu lado mais humano, que também poderá ser posto em prática quando ele fizer a viagem física. Esse é um processo que Alexandre qualifica como uma “reeducação”, uma “desromantização”, que propicia repensar tudo o que, na sua percepção, foi feito do turismo.

“Nem toda viagem é um meio de deslocamento turístico” (LOHMANN; PANOSSO NETO, 2008, p. 89), mas a viagem que promova o despertar para o turismo se torna uma experiência desejável. Em tempos de pandemia, “viajar de casa” pode ser libertador e um incentivo à boa prática turística.

---

28 Conforme descrito anteriormente, os nomes dos informantes da pesquisa foram substituídos para que eles tenham suas identidades preservadas.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa constatou que viagens culturais de imersão *on-line*, tais como as do projeto Viajar de Casa, constituem uma representação da viagem turística presencial, ao proporcionar experiências subjetivas capazes de produzir conhecimento e afeto, e têm forte potencial de transferência para o turismo.

Verificou-se que a iniciativa, além de oportunizar trabalho em um momento de grandes dificuldades para o turismo mundialmente, pode vir a funcionar como uma espécie de catalisador de uma “demanda potencial” (LOHMANN; PANOSSO NETO, 2008, p. 238) de contatos para o personagem local e mesmo incentivar a programação de novas viagens para quando o turista puder viajar fisicamente, o que indica benefícios para o turismo e seus trabalhadores, na retomada pós-pandemia.

Também foi possível conferir que a curadoria a que o projeto estudado se propõe não se presta à satisfação de curiosidades exóticas ou a intenções de cunho exploratório. Desse modo, observa-se o estímulo ao turismo consciente e sustentável que tais iniciativas podem promover.

A pandemia, ao afetar o turismo, foi ainda mais cruel com as pessoas que trabalham na área e com aqueles que encontram nas viagens um modo de viver. Portanto, é papel da comunidade científica dedicar-se a pesquisas que estejam comprometidas com o bem-estar da sociedade. Desse modo, que as análises expostas ao longo do artigo possam contribuir com a produção de conhecimento no campo do turismo, por meio de informações com potencial de impacto científico e aplicado para a área, e que o estudo possibilite demonstrar os transbordamentos do fenômeno turístico.

## REFERÊNCIAS

AIRBNB, 2020. Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/s/experiences>

ARAÚJO, R. S. G.; GODOY, K. E. **O turismo como fenômeno sociocultural**: reflexões para além da atividade econômica. São Paulo: Anais da ANPTUR, 2016. Anais. [...]. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Tour da Experiência**: cartilha completa, 2010.

BRUSADIN, L. B. **História, turismo e patrimônio cultural**: o poder simbólico do Museu da Inconfidência no imaginário social. Curitiba: Editora Prismas, 2015

DAMATTA, R. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 5, 2005.

DINIZ, D. Ética na pesquisa em Ciências Humanas – novos desafios. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n.2, p. 417-426, 2008.

FIGUEIREDO, S. L. **Viagens e viajantes**. São Paulo: Annablume, 2010.

FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia “em casa”. In SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PETERS, R. (Orgs.).

**Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo.** Porto Alegre: UFRGS, p. 205-227, 2010.

GODOY, K. E. **Formação humana no ciberespaço:** os sentidos da *presença* na educação a distância. Niterói: Eduff, 2017.

HINE, C. **Etnografia Virtual.** Barcelona, Espana: UOC, 2004.

HINE, C. **Virtual methods:** issues in social research on the internet. New York: Berg Publishers, 2005.

HINE, C. **Ethnography for the Internet:** Embedded, Embodied and Everyday. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing. ProQuest ebrary. Web. 2015. Disponível em: [http://stc2.uws.edu.au/CRproj/Ethnographic\\_Strategies.pdf](http://stc2.uws.edu.au/CRproj/Ethnographic_Strategies.pdf)

LOHMANN, G.; PANOSSO NETO, A. **Teoria do turismo:** conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49. 2002.

MTUR. **Passeios virtuais mostram as belezas dos destinos brasileiros.** Sites reúnem opções de turismo online de Norte a Sul do país. 2020a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/13548-passeios-vir-tuais-mostrar-as-belezas-dos-destinos-brasileiros.html>.

MTUR. **Visitar cidades turísticas “em tempo real” é opção durante isolamento social.** Percorrer as ruas de dentro do carro ouvindo a rádio local é um dos diferenciais de site. 2020b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/13566-visitar-cidades-tur%C3%ADstic-cas-%E2%80%9Cem-tempo-real%E2%80%9D-%C3%A9-op%C3%A7%C3%A3o-em-tempos-de-quarentena.html>.

SANTANA, A. **Antropologia do turismo:** analogia, encontros e relações. São Paulo: Aleph, 2009.

**Viajar sem sair de casa.** 2020. Disponível em: <http://www.viveraviagem.com.br/viajar/#>. Acesso em: 11 jun. 2020.

**Viver a Viagem.** 2020. Disponível em: <http://www.viveraviagem.com.br/>.

**WHO advice to help you and your family to stay healthy at home during this period of confinement due to COVID-19.** 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/healthyathome>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 8, 3, 12, 20, 29, 127, 131, 195, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 284, 285

Aracaju Walking Tour 123, 124, 131, 132

### B

Base de dados 78, 190, 205, 206

Big Data 8, 190, 191, 192, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210

### C

Cartografia 7, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 187, 188

Cibermusealização 6, 73, 76, 77, 82

Corumbau 8, 121, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 327

### D

Desenvolvimento Socioeconômico 38, 39, 42, 52

### E

Embratur 7, 24, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 193

Epistemologia 108, 109, 110, 262, 277, 305, 317

Espacialização 178, 181, 189, 324

Estâncias Turísticas 23, 24, 28, 31, 32, 34, 35

Estruturação dos destinos 38, 39, 51

Ética 9, 21, 49, 120, 121, 135, 137, 140, 141, 142, 263, 276

### F

Foz do Iguaçu 8, 190, 191, 192, 193, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210

Free Walking Tour 123, 124, 129, 130, 131, 133

### G

Gestão 3, 23, 25, 27, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 82, 111, 115, 119, 130, 150, 153, 154, 174, 175, 178, 179, 180, 183, 184, 185, 187, 190, 192, 195, 196, 197, 199, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 231, 232, 236, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 266, 267, 270, 281, 286, 287, 288, 311, 315, 316, 319, 320

## H

Hospitalidade 7, 67, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 154, 175, 247, 248, 264, 271, 277, 296, 319, 320, 326

## I

Imaginário 3, 4, 21, 61, 95, 96, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 114, 116, 118, 119, 298, 301, 314, 319, 324, 326, 332, 340

Internet 78

## L

Legislação 23, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 38, 40, 41, 44, 47, 48, 51, 72, 140, 207, 211, 283, 321

Lei Geral do Turismo 6, 38, 39, 40, 41, 45, 47, 50, 54, 178

## M

Marketing turístico 7, 95, 96

Mulata Exportação 95, 103, 106

Mulher Brasileira 7, 95, 96, 97, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 108

Musealização 78

Museologia 78

Museu da Pessoa 73, 77, 78, 79, 80, 83

Museu das Coisas Banais 73, 79, 80

Museu Virtual 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82

## O

Objeto museológico 6, 73, 74, 77, 78

## P

Patrimônio 78

Patrimônio Histórico 8, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 220, 222, 226, 227, 228, 310

Pessoa com deficiência 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 226

Planejamento Turístico 53, 54, 126, 129, 188, 278

Política Nacional de Turismo 6, 38, 40, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 53, 96, 97, 128, 193

Políticas públicas de turismo 23, 24, 25, 26, 30, 32, 35, 36, 44, 49, 51, 52, 108, 134, 202

Programa de Regionalização do Turismo 38, 39, 41, 49, 52, 128, 134

Progresso 8, 124, 133, 217, 247, 248, 249, 251, 258, 259, 261, 276

## R

Receita média 7, 152, 155, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Recursos Financeiros Turísticos 23

Resorts 7, 24, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Roteirização Turística 123, 126, 128, 134

## S

Sociologia 14, 70, 109, 110, 111, 112, 113, 121, 122, 319, 320, 326, 328, 329, 331, 337, 338, 339, 341, 342

Sustentabilidade 8, 38, 49, 52, 59, 118, 121, 126, 195, 232, 241, 246, 247, 249, 258, 261, 263, 265, 268, 269, 270, 271, 272, 280, 281, 286, 327

## T

Taxa de ocupação 7, 152, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 171

Teatro Amazonas 8, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 229

Tecnologia 6, 7, 83, 129, 146, 187, 190, 195, 196, 199, 207, 213, 288, 317, 325

Terrorismo 12, 136, 137, 145, 146, 147, 148, 150

Tolerância 130, 135, 136, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

Trevpar 7, 152, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Turismo 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11, 12, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 153, 157, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 220, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 344

Turismo Comunitário 234, 236, 244, 245, 266, 267, 276

Turismo de Base Comunitária 8, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 243, 244, 245, 263, 265, 266, 267, 268, 272, 276

Turismo de interesses especiais 6, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 69

Turismo em áreas naturais 278

Turismo Rural 55, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 72, 241, 245, 246, 268, 273, 278, 284, 285, 286, 287, 290

Turismo Sustentável 8, 175, 195, 232, 249, 278, 279, 280, 282, 285, 286

Turismo Virtual 1, 2

Turista Híbrido 7, 109, 319

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# Turismo, Cidades, Colecionismo e Museus

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021